



Quinzenário Humorístico e Literário

Director: David Braga. Colaborador artístico: D. Dantas. Editor: Mendes Braga.

Redacção e Administração:

Rua Dr. José Sampaio, 6

Propriedade da Empresa de "O Taralhão",

Composição e impressão:

Tipografia Minerva Vimaranesse.

.. A POLÍTICA ..

Numa coesão de infandas ambições a sociedade se debate, ora idealizando a realidade de impossíveis, ora sacrificando a honra ao efémero e mesquinho capricho dum nada. Um nada!!! Sim; a honra, depois de desvirtuada, jámais encontra remédio algum capaz de curá-la. E quantas honras sacrificadas por essa avalanche tremenda, que a multidão aclama! Quantos seres amofinados por esse monstro arrogante que a turba cega classifica, unânime, de política (!) — *sciência injusta e manhosa que guia o destino dum povo!*

E todavia, apesar de perniciosa e má como todo o fogacho que flameja labaredas impregnadas de ódio, apesar de odienta aos olhos do bom senso, nela se aninha em grupelhos escandalosos a sociedade aviltada pelo desdém dos azes e envilecida pelo desejo ardente de atingir qualquer ponto luminoso que exala os vapores inebriantes e quiçá venenosos da grandeza.

A política é a maior calamidade que assola um povo. Da política surge a rivalidade, a disputa, essa luta epidémica que conduz à ruína. Na ruína abalam-se os últimos escombros da tranquilidade e depois de a paz cortada cerce pela ousadia duns e demasiada parvoíce de outros... cinzas... recordações... espectros!

Dito isto, vejamos de relance os pálidos efeitos da política na velhinha, histórica e civilizada Europa. Todos conhecem a história dêsse infernal matadouro, evento contemporâneo, recente sangria da raça humana a que chamaram *guerra mundial* — perfrase esta que, traduzida em língua de homens de bem, significa: — *decadência*. Não causam espanto estas palavras porque todos conhecem o facto. Pois bem (!) — a política a provocou apontando causas de sensível futilidade, se reco-

nhecermos o sacrificio, a imolação dum homem pelo prisma mais humano; a política a sustentou, incitando os inculpados e torvos soldados à bárbara matança; e a política a sufocou, cansada já daquelas quedas que aniquilam fulminantes os seus satélites, revelando à luz clara, mais viva e tremente que nunca, a sua podridão, os seus efeitos miseráveis.

A política tem princípios. Mas... teorias leva-as o vento — para junto das paixões. E assim sucede. Na prática — e a política só a ela obedece — são as paixões e não os princípios que guiam os políticos. Tal é a minha persuasão.

Ora, é natural que na paz também a política seja ruínosa, principalmente numa época como esta.

A insidia vagueia nos antros. Os ódios dilatam-se. A causa é a ambição. O efeito é a ruína.

E porque arte?

Todos estão fartos de o saber. Um ramo da política está mal seguro ou amedrontado e, para evitar a tempestade, fazem aos seus principais sustentáculos cativantes promessas. Essas promessas cumprem-se. Noutros ramos políticos, igualdade de circunstâncias. Portanto temos a rivalidade.

E a vida que tam pura e flórida nasceu do *nada*, embalando-se descuidada na exuberância fecunda do passado, definha-se incondicionalmente neste turbilhão que assombra, vicia-se na sistemática ambição, no perverso egoísmo da ocasião e na expectativa gananciosa de ventos favoráveis.

A tempestade passa! A ventania muda de direcção! Logo vemos as mais sangrentas represálias, quer políticas, quer pessoais, pois que estas são anotadas nesses ridículos momentos.

¿E quem sofre as conseqüências dessas alucinações tremendas?

:: NA BERLINDA ::

— Olhe lá, amigo Hermenegildo!... Disseram-me que vocês vão fundar um jornal humorístico...

— E é a pura verdade!... E ainda lhe digo mais: tem por título «O Rôscã» e por fim combater «O Taralhão»!

— Oh! diabo; isso é difícil! E' preciso saber escrever e ler sem soletrar!

— Ora, ora!... O grupo é competetíssimo!!!...

— Então quem vêm a ser êsses valiosos elementos com que vocês contam para fazer o jornalco?!...

— Um dêles... sou eu!...

— Que anda ao pilha-pilha atrás dos escritos alheios...

— Outro... é o Novais...

— Um bom rapazinho, por sinal... Só tem um defeito: é ter o nariz furado, como os porcos... E quem mais?...

— O Rossinaç...

— Um conquistador infeliz, como sabemos. Esse é um monca muito grande...

— E' o Ramos, ou seja, o namorado da-quele farol que alumia os dois jardins.

— Esse pouco jeito terá! E' tamanho!!

— E é o Coelho, que recebeu últimamente o título de Marquês dos Calhaus, título que mereceu pelos relevantes serviços prestados à garridice vimaranense.

— Esse é muito faroqueiro e muito baboso... Está bem, está bem!... Pelo visto, fazem parte do «Rôscã» as mais altas capacidades de Guimarães... Só falta lá o Quintino e o Mãe-olh'ela, para repórteres. Esses é que talvez fôssem capazes de fazer qualquer coisa... mas é lá p'rá cara dêles!...

COCA-BICHINHOS.

¿ Quem sofre o embate dessas desvairadas quedas?

E' o povo, somos nós!

¿ E haveria maneira de evitar êsses descatos?

Não. E' a lei fatal da natureza. São êstes factos que acompanham caracteristicamente o progresso, que atualmente avança a passos de gigante.

Que fazer então?

Rir, rapazes, revelar a juventude folgazã e não a velhice precoce, enquanto uns se vangloriam e outros se lastimam.

NO REINO DOS PATOS



Eu cá vou e com franqueza
para a vida nasce o homem,
vivendo contra a esperteza
daqueles que mais consomem.

Eu nunca fui como o Cunha
que faz as suas «franguitas»,
mas porisso tem a alcunha
de «o Cunha-lambe-marmitas».

«Marmitas», bem entendido...
Todo o finório interpreta.
Se se acha bem escondido
com os focinhos lá espeta.

Mas então como estou eu?
Amigos, que tal pareço?
Longa viagem correu
meu corpinho por bom preço!

Que não-de dizer as donzelas
das minhas botas tam «chics» (?)
destas orelhas tam belas,
do casaco todo triques?

Nem Quintino nem Ferreira
a luxar metem respeito,
pois que os tais à minha beira
ficam sem graça nem geito...

E quem na terra ousará
desdenhar o meu amor?
Quem o fizer pecará
porque sou como uma flor.

E' certo que a mãe da Estela
a vassoura me correu;
mas ela não é assim bela,
e passou... aconteceu!

Ora tomai um conselho,
amigos meus, meus amigos:
enquanto durar **coelho**
não queirais comer formigos.

MEFISTÓFELES.

:TARALHANDO:

Na tipografia chinesa há uma fábrica de *flaquimbaques* para colar papéis. Como tem a velocidade de 120 H P à hora, recomendamos aos nossos leitores que se não trilhem em tam extraordinária fábrica.

* * *

Um grupo de «papos-secos», estando na rua de Camões a deliciar as suas queridas com uns fadinhos sentimentais, foi desconsiderado com uma penicada de *essências* que o pai das ditas meninas lhe arremessara. E' de lamentar!

* * *

Têm-se procedido a várias experiências com os fios eléctricos de alta tensão, estando averiguado que basta tocar-se-lhes com uma mão para se ficar logo fulminado. Mas se algum desgraçado, que ficar preso, cair de grande altura, apenas morre quando o cadáver chegar ao chão.

* * *

Partiu para a Póvoa de Varzim o distinto farmacêutico Rebêlo, em procura de novos medicamentos para os famintos.

* * *

No domingo da Peregrinação, segundo nos dizem, no alto da Penha armou-se uma pequena zaragata, à conta de uma rêsca, parece-nos (o informante não nos declarou que qualidade de rêsca seria essa). As lóstras fôram tantas, a chover sôbre um dos protagonistas, que, postas em moedas de cinco tostões, talvez atingissem a verba precisa para a ex.^{ma} Câmara mandar compôr os passeios da Avenida Nova... No mais aceso da luta, intervém a autoridade. E então, do meio do borbórinho, do meio daquela tremenda confusão de narizes, ergue-se uma voz chorosa, suplicante, a tremmer, a tremmer, como a «lágrima celeste, ingénua e luminosa»: — O' senhor guarda!... O' senhor guarda!... Ela é que me provocou!... — Metia pena, causava dó. Os guardas, compadecidos do pobre diabo, deixaram-no em paz... O que nós não conseguimos saber, é de quem era a voz misteriosa e tam *tristezinha* que até varava os corações... dos calhaus.

* * *

Reabriu o teatro Gil Vicente com a sua imorredora tradição. Merecem nota os *fenomenais* melhoramentos, bem como a fonola a executar os trinadinhos *blansés* do ano passado. O «film» exibido é sem dúvida o melhor drama que tem vindo a esta terra nesta época.

IRREALIZÁVEIS

As costureiras da Lucas vão desafiar o Cunha para um jôgo de capoeira.

* * *

O nosso amigo Hermenegildo, em virtude das suas observações astronómicas, vai ser laureado com três pingos de tocha.

* * *

Sua Majestade el-rei D. Couto I vai ser indemnizado pelo «Taralhão» com duas salsichas e um cálice de vinho fino.

* * *

Comunicam-nos que, nas noites de 5 e 6 de Janeiro do ano próximo, vai ser requisitado o realejo do Cinema Chantecler para acompanhar uns *reizeiros*, de porta em porta, no «Quem diremos nós que viva...»; pois, como *chungalho*, dizem ser a melhor cozinha existente na actualidade.

* * *

Vai ser construída uma jaula para servir de guarida ao illustre titular, Sr. Marquês dos Calhaus, nos seus momentos de furor coutra o «Taralhão».

* * *

O castelo de Guimarães vai ser transportado para a Cruz da Pedra, a fim de se escolherem posições estratégicas.

* * *

Vai ser instalada no *Quiosque* a estação dos telégrafos. Foi chamado para tal fim o architecto e fotografo — Mãe-olh'ela.

* * *

Corre para aí que, ainda este inverno, vai ser transferida, de Santa Luzia para a Avenida Cândido Reis, a histórica «ponte sem rio». Achamos bem acertada esta medida pois que, assim, em dias de chuva, já o infeliz transeunte se não verá obrigado a arregaçar as calças quasi até aos joelhos, para poder atravessar os passeios.

* * *

O palhinha do Mãe-olh'ela foi roubado por mão industriosa.

* * *

Respondeu há tempos, no tribunal de Frossos, o Snr. Hemenegildo, acusado de ter publicado, como seu, um acróstico que não era déle. Foi condenado a apanhar duas dúzias de bolos em cada mão. O arguido apelou da sentença. Era advogado de defesa o Sr. Dr. Cajato.

DITOS E PENSAMENTOS

Conhece este simpático?

Hermenegildo.

Se olho para os fregueses é de esguelha. Agora para raparigas boas é de frente.

Arlindo (Z. M.).

O rapaz! Quando deres o café àqueles gajos, recebe logo o dinheiro! Aqui não se fia!

Arlindo (Z. M.).

Com a vocação que meu filho tem para músico... é de crer que venha a ser milionário.

Grizeta.

Tenho muitos que me pretendem, mas eu só quero calça o branca.

Adelina.

Vi um rebanho de duas perdizes.

A. Ferreira (R. A.).

Não preciso de espingarda para caçar perdizes. Mato-as mesmo a pau.

Sousa.

O Barros gosta da cousa.

Novais.

Não se incomode com o Zé das Trampas.

Rossinac.

Com a minha voz flauteada meto todos os advogados num bôlso.

Jordão.

O ar são balas...

C. Pilé.

Quero cajar, mas 'um há pingo...

O mesmo.

❖

«Diário de Notícias»

Os Ex.^{mos} Srs. Dr. Eduardo Almeida, Dr. Mariano Felgueiras e Alberto V. Braga, vimaranenses da incontestável bairrismo, colaboraram uma página caracteristicamente regionalista no importantíssimo e famoso jornal da capital — o «Diário de Notícias».

Felicitemos os ilustres conterrâneos que, num gesto tam digno de apreço, souberam salientar nobremente a vetusta Guimarães burilando especialmente os seus históricos edificios bem como a índole dos seus habitantes.

Ao «Diário de Notícias» agradecemos, na qualidade de vimaranenses, a homenagem prestada à nossa terra.

EM FOCO

Radiando entre as flores mais coloridas e vistosas do mundo aloreçado na doce crença do amor, deslumbrando a multidão com o seu brilho dominante como o sol percorrendo a sua eclítica maravilhosa sôbre os turbados contempladores desse aspecto gigantesco, a gentil e encantadora menina Maria J. Tobin viceja fantasiada pela luz clarificante deste jardim minhoto, o mais suave e romanesco que a abbada celeste acoberta com a ternura comoverente duma mãe divinamente pura.

Prestam-lhe homenagem de admirável culto os pagens auríficos do incógnito paraíso, rendidos talvez pela infinita saúdade de tam bela deidade.

Pode servir de musa aos mais delicados poetas, dispensando-lhes uma inspiração exuberante, servindo de motivo aos mais fecundos poemas de amor, sendo alvejada pelas estrofes mais veementes.

Quem isto diz de tam extraordinária donzela não precisa por certo de elevar a sua beleza. Cinge-se sômente a sustentar que tóda a sua elegância e garridice se podem sintetizar nesta locução sincera e simples: — um botão de formosura!

De aspecto senhoril, olhar vivo e esperto, sem perder a meiguice tam admirada na juventude feminina e sem demonstrar o vislumbre melancólico das máguas, a nossa heroína vive embalada nos seus adocicados requiebrros de môça.

Como a estréla matutina que refulge doirada no turro horizonte dando mais encanto ao anil do céu, assim a escolhida para este lugar de honra resplandece enlevada nas regiões terráqueas e se acalenta aos raios do sol poente, quando este pela sesta se submerge para além das ondas do mar.

E o seu sorrir é quási sempre o despertar dum sonho ou, como diriam os namorados dos tempos idos, superior ao mais sorridente romper duma das manhãs da primavera.

E a paz bendita sempre baptizou aquela alma privilegiada.

JAQUES BELO.



*Guimarães, terra de aragens,
és a alegria do Minho,
por ser nas tuas paragens
que nasceu o sór Vasquinho.*

Bons dias, caro leitor! Que tal nos temos portado? Sempre rijos e ferros para a crítica, heim?!... Embora. Apesar da má vontade dos ofendidos, não deixarei eu, o Não-te-rais, de dizer duas coisas que façam bulir por dentro os órgãos do Vasquinho.

¿ Quem não conhece aquele rapaz affectado nas maneiras e costumes? Rapaz... não tanto (!)... homem... menos ainda. Devemos tomá-lo sob o aspecto de menino para darmos o verdadeiro apreço à sua espezteza genial. Sim, todos interpretam as minhas palavras. Guimarães inteira ficou assombrada pela desusada intrepidez dum dos seus esperanzosos filhos. Aquela soberba caçada deu que falar nos meios esportivos. Ora eu, que sei de fonte limpa a maneira como éle amanhou a infeliz perdiz, vou narrar, muito em segredo, tam fenomenal acontecimento.

O Vasquinho desfechou ao acaso duas cargas de escopeta, calibre 1,5. A perdiz continuava a rir-se da piada. Mas nisto um amigo, cujo nome não faz minga, atirou uma chumbada com mais mestria; e a desditosa colu fulminada como que por um ataque apoplético. O cão do Vasquinho, educado nas manhas do dono, levou a palma ao outro e foi portanto o primeiro a amarrar a acesita. Então o Vasquinho sustentou que lhe havia metido alguns greiros e o companheiro, compadecido talvez, cedeu-lha de boamente. Eis aqui o facto, segundo o nosso repórter secreto, n.º 10. E foi então que na Penha appareceu o nosso herói a figurar.

Quem não deve portanto admirar aquella criança de tam tenros anos e já tanta astúcia no corpo? Ninguém, por certo. Bom carácter, chocorreiro, mimoso entre os mais mimosos hóies deste jardim... de estérco, a sua vida passará, como em étapes, os mais perigosos transees, êsses acontecimentos comventes a que chamamos — os grandes momentos.

Tenho dito.

NÃO-TE-RALES.

Correspondência aldeã

Telefone 9.999.

Consta-nos:

— Que muito em breve se consorciará na interessante e linda capela de N. S. das Graças, sua Ex.^a, sr. Rampola, com a gentil senhora D. Conceição (Rambola), estimada criada... do sr. Paulino da Cunha.

Felicitemos os futuros e simpáticos noivos, desejando-lhes uma vida repleta de felicidades.

— Que certa senhora exigiu a tóda a pressa um papo-seco, com o fim de ver se desta vez não fica para tia.

Esperamo-lo ansiosamente.

— Que o sr. José António da Costa (Palacete) vai pôr à disposição de quem quiser beber, cinco pipas do seu belo «verdasco», afim de arranjar alguns amigos.

Será achar uma agulha num palheiro!!!

RATACHIM & C.^a

EDITAŁ

Fazemos saber aos nossos prezados assinantes de fora da parvónia que era especial favor mandarem-nos entregar na nossa redacção, por qualquer via, as importâncias das suas assinaturas deste primeiro trimestre de «O Taralhão», pelo que ficamos, desde já, muitíssimo obrigados.

O importe das ditas assinaturas é apenas de 1\$80, por sermos amigos, e tem de ser satisfeito durante o prazo de quinze dias após a publicação do presente edital, pois que o pagamento é adiantado, como se disse no primeiro número. Findo esse praso os esquecidos terão de responder no tribunal do «Taralhão» em processo sumário que se levantará em tempo oportuno.

Esta última recomendação também se estende aos estimadíssimos assinantes desta cidade.

Guimarães e Sala das Sessões de o «Taralhão», 5 de Outubro de 1924.

A Comissão Executiva.

PÁGINA LITERÁRIA

Delírio

*A minha lira de gemer quedou,
já sou espectro neste mundo ingrato,
triste da vida, areia dum regato,
restos dum monstro que na terra amou.*

*A virgem santa que por mim passou,
nesse passado que tristonho acato,
dá-me saudades que, tremendo mato,
pois de me amar nem neste Além deixou.*

*Que importa o mundo se não tenho luz!
A gente môça é sempre mui cruel
crendo na sombra que mentindo induz*

*para um calvário e infernal revel.
Maldito aspecto que sem dó seduz
mocedo incauto desparzindo fel!*

ABAILARD.

"Flirt,"

*Por entre o nevoeiro da manhã crescente
e já no reinado dessa linda Flora,
um lindo par cujo olhar amor implora,
vi colhendo flores com gesto indolente.*

*Nisto ela falou com voz triste e plangente
soltando suspiros p'lo regaço fora,
e trémula já, talvez pela demora,
quedou pensativa, creio descontente.*

*Mas neste momento que vi eu, que vejo?
O singelo par nas expressões dum beijo
enlaçado num abraço palpitante.*

*E molhados já por uma chuva mansa,
que p'ra perseguir o amor nunca descansa,
logo desligou seus braços hesitante.*

PETRARCA.

-- Como vos chamais, divina senhora?
-- Primavera.
-- Ah!...
-- Para mim, são maiores as noites que os dias. Sou serena e a minha beleza é vistosa. De tempos a tempos me escondo, mas quando me aborreço do cativo, apareço à luz do sol com o meu vestido de gala, levando juntamente um verde-perfumes que achei abandonado num outeiro do passado.

-- Que mimosa! disse êle admirado.

-- Vivo embalada em sonhos, quer nos prados colorindo boninas e dando frescura às ervas, quer nos bosques vestindo de verdes fôlhas o sombrio arvoredo, despido pelo meu rival, o Outono. Olhai, continuou indicando um balseado: é por entre aquelas bravias plantas que à meia noite, quando só o coaxar da rã se ouve nas pôças e os funestos pios do mocho nas copas gigantescas dos pinheiros, eu vou distribuir aromas, distinguindo classes. Depois, em procurando a ribeira mais próxima, banho-me na sua água, fazendo ouvir doces canções, pueril encanto. E, quando algum sonhador aparece na encosta espinhosa duma moita, escondo-me logo na espessa folhagem que margina a corrente para daí dar poesia às suas meditações. Isto, em noites de luar. Em noites escuras, recolho-me num valado que possuo mui distante, deixando a vegetação à sorte dos tempos.

-- Oh!

-- Quando o astro-rei começa a luzir por detrás da serra, os meus braços se transformam em asas para, num vôo magistral, me conduzirem novamente aos bosques, onde labuto na confecção de côres vivas e cheiros sensíveis.

-- Senhora, nunca mais nos separamos? Aceitais a minha companhia?...

A môça loira ia sorrir e acariciar se do outro lado, por detrás duma sebe, não ouvisse os balidos da ovelhinha que procurava.

-- A minha companheira! Oh! Lira, espera-me que eu vou!

E a môça, avançando a pequenina taipa, desapareceu entre os gretados robles, numa correria, como num vôo.

-- Oh! fada, oh! símbolo da beleza, escutai-me, não fujais! disse desalentado, em brados que se perderam na tênue sombra da noite. Ah!, Primavera da vida, como me deixais tam cruelmente! E a noite desce sobre mim!

Sentiu então que uma lufada glacial lhe eriçava os cabelos. Ia desfalecer contristado, mas, fazendo um esforço sobre si mesmo, se endireitou rapidamente. Ficou horrorizado ao sentir-se num corredor subterrâneo, escuro, húmido, fétido. Porém, depois de alguns instantes, descobriu ao longe uma tenuíssima claridade.

Caminhou para ela sem hesitação, apesar de se lhe afigurarem fantasmas em todos os cantos. Quando se encontrava perto, quasi junto, ouviu soluços e súplicas agonizantes. Correu então como doido, porque a voz era-lhe querida. Entrou numa galeria e viu a môça dos seus sonhos, a juvenil Primavera deitada sobre um leito rústico, chorando, estorcendo-se. O aspecto era trágico. Sofria.

-- Oh! fada!... Sofreis?

Ela relanceou um olhar triste, enquanto o cabelo, caindo em madeixas fulvas, lhe ocultava as faces. Depressa voltou o rosto, tapando os olhos com os delicadas mãozinhas, em arrancos maguados, soluçando. O jôvem olhou em volta, e à luz morticida duma candeia divisou alguns esqueletos acamados nas argilosas paredes.

-- Horror! disse com espanto. Oh! noiva minha, que vejo?

A sua fronte começou transpirando e os seus membros tremendo como que movidos por uma força sobrenatural. Ouviu uns passos lentos e secos da parte do corredor. Olhou com curiosidade. Viu umas figuras que se dirigiam coruscando para os humildes aposentos. Tentou ocultar-se. Por fim, antes quis esperar a pé firme os estranhos seres para defender, se preciso fosse, a sua amada. Poucos momentos eram passados quando a Morte, caveira horrenda vestida de negro, entrou empunhando uma foice, escoltada por seis fantasmas vestidos de crepe. O namorado ficou admirado. A Morte dirigiu-se à jovem e, pondo-lhe o pescoço a descoberto, enterrou-lhe o gume da foice na garganta dizendo: -- «Eis a tua hora!»

E as faces da infeliz crispavam-se quando deu o eterno adeus ao enamorado mancebo. Morreu.

-- Miserável! disse êle, revoltado contra a assassina. Esta fez um gesto e os seis fantasmas o prenderam. Tentou resistir, mas a superioridade de número venceu-o.

(Conclui no próximo n.º).

Sonho do monge

(Continuado do n.º anterior)